

ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE RESILIÊNCIA (RS-10) EM CRIANÇAS DE PELOTAS/RS

GABRIEL LARRONDO OLIVEIRA¹; SUZANA WEEGE DA SILVEIRA DO AMARAL²; LUCAS CORREA FERRARI³; GESSYKA VELEDA⁴; MARIANE LOPEZ MOLINA⁵; MARIA TERESA NOGUEIRA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gabriel.larrondo@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – suzanaweege@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – lucasferrari212@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gessykawveleda@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – mariane.molina@ufpel.edu.br

⁶Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – mtdnogueira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Estudos no Brasil e na América Latina demonstram significativa prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes, sobretudo ansiedade e depressão. De acordo com a *Organização Mundial da Saúde*, em 2019 cerca de 7,6% das crianças de 5 a 9 anos e 14,7% dos adolescentes entre 10 e 19 anos viviam com algum transtorno mental (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022). Ainda que os índices possam variar entre regiões, as taxas podem ser consideradas altas, e isso se estende ao município de Pelotas, recorte espacial da presente pesquisa.

Diversos fatores interagem e contribuem para as altas taxas de transtornos mentais entre crianças e adolescentes, sendo, sobretudo, de ordem subjetiva, social e econômica. Quando o enfoque recai sobre a forma como cada sujeito lida com esses fatores, em especial com as adversidades, entra-se no campo da resiliência. A resiliência é definida como a capacidade de um indivíduo de se adaptar positivamente diante de adversidades, mantendo ou retomando seu funcionamento saudável mesmo em situações de estresse ou crise (WAGNILD; YOUNG, 1993). No campo da Psicologia Positiva, a resiliência é considerada um recurso psicológico essencial para a promoção do bem-estar e da saúde mental, desempenhando papel importante na prevenção de transtornos emocionais e no fortalecimento de habilidades de enfrentamento (RYFF; SINGER, 2003).

Diante do aumento das demandas emocionais e dos impactos psicossociais recentes, é relevante investigar fatores associados à resiliência e a eficácia de instrumentos que a mensurem. Nesse contexto, surge a necessidade de instrumentos capazes de mensurar esse conceito de forma confiável e acessível. A Escala de Resiliência (RS-10), desenvolvida por Wagnild (2009), é um instrumento breve, que avalia esse construto de forma prática e objetiva, possibilitando sua aplicação em diferentes contextos e populações. Sua utilização contribui para identificar níveis de resiliência e subsidiar intervenções, porém ainda não foi validada para a população brasileira.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo realizar a adaptação transcultural e verificar as evidências psicométricas da Escala de Resiliência (RS-10) em crianças de 9 a 12 anos da cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo transversal. Inicialmente, o processo de tradução e adaptação cultural da escala foi conduzido com base nas diretrizes da *International Test Commission* para adaptação de testes (Gregoire,

2018,) contemplando tradução direta, painel de especialistas com retrotradução, pré-teste e versão final.

A coleta foi realizada por estudantes de psicologia treinados, assegurando a padronização. Os dados foram obtidos por pesquisa de levantamento (survey), definida por Fonseca (2002,) como a obtenção de informações sobre características, ações ou opiniões de uma amostra representativa da população-alvo.

A pesquisa incluiu crianças e adolescentes de 9 a 12 anos matriculados em escolas públicas (municipais e estaduais) e privadas de Pelotas/RS. Para participar, os estudantes precisavam possuir capacidade de leitura e compreensão dos instrumentos, além de apresentar consentimento prévio de pais ou responsáveis legais. A aplicação ocorreu de forma padronizada, assegurando confidencialidade e conforto, presencialmente ou via formulário online, conforme a preferência dos participantes.

A participação foi voluntária, conforme parâmetros éticos, com aprovação no comitê de ética (CAAE 88022025.4.0000.5317). A coleta ocorreu após autorização das escolas, consentimento dos pais, questionário socioeconômico e assentimento das crianças. Todos os documentos foram entregues em duas vias impressas, sendo destacado que cada participante deveria manter uma cópia, bem como, foi disponibilizado concomitantemente, para aqueles que preferissem um link para formulário online.

Os dados coletados encontram-se em fase de digitação para posterior análise. Inicialmente serão conduzidas análises descritivas (univariadas) e, em seguida, serão avaliados os parâmetros psicométricos, contemplando evidências de validade baseadas na estrutura interna, bem como estimativas de confiabilidade e validade associada à relação com medidas externas.

Para a estrutura interna será realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) a partir do FACTOR software. Com o Statistical Package for Social Sciences (SPSS 22.0) serão avaliados os Índices de fidedignidade da escala a partir da fidedignidade composta e do alfa de *Cronbach*, sendo considerados adequados valores > 0.70 (VALENTINI; DAMÁSIO, 2016). Para a validade baseada nas relações com medidas externas, será calculada a associação entre o escore da RS-10 e MRI (Marcadores de Resiliência Infantil), instrumento composto por 22 questões de múltipla escolha que avaliam como crianças reagem diante de diferentes situações (OLIVEIRA; NAKANO; PEIXOTO, 2021), a partir do teste de correlação de Person ou Spearman, sendo consideradas estatisticamente significativas as correlações com $p < 0.05$.

Os dados estão em digitação para análises descritivas, testes de hipóteses e multivariadas, com suporte dos softwares SPSS 21.0®, AmosTM e Stata SE14. A validação do construto foi realizada por meio da modelagem de equações estruturais (MEE), considerada por Hair et al. (2013) como a técnica mais adequada para avaliar simultaneamente o modelo e as relações entre variáveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em andamento e até o momento foram entrevistados um total de 205 alunos, com idade média de 10 anos, provenientes de 15 escolas, sendo seis estaduais, quatro municipais e cinco privadas. Em relação à etnia autorreferida, observou-se que a maioria dos participantes se declarou branca, seguida por parda e preta, respectivamente.

A diversidade das escolas participantes contribui para uma maior representatividade da amostra, permitindo contemplar diferentes contextos sociais, econômicos e culturais do município de Pelotas. Embora a pesquisa quantitativa exija amostras amplas para generalização, é essencial que expressem a heterogeneidade dos sujeitos e contextos, refletindo a complexidade social (MINAYO, 2001). Essa pluralidade de contextos é especialmente relevante no presente estudo, uma vez que fatores ambientais e de apoio disponíveis podem influenciar diretamente a forma como crianças e adolescentes desenvolvem recursos emocionais para enfrentar adversidades, além de evidenciar a viabilidade da aplicação da RS-10 em uma faixa etária mais jovem.

A participação exigiu alfabetização, necessária para a compreensão consistente da RS-10. No entanto, esse critério apresentou limitações significativas, sobretudo quando se considera a realidade educacional brasileira, marcada por desigualdades estruturais e defasagens históricas no processo de alfabetização. Tais dificuldades foram ainda mais intensificadas pelos impactos da pandemia de COVID-19, que provocou longos períodos de suspensão das aulas presenciais, ampliando lacunas no aprendizado e comprometendo o desenvolvimento pleno das competências necessárias. Dessa forma, exigir a alfabetização como condição de participação, embora metodologicamente necessário, expôs um desafio relevante: a exclusão de parte das crianças em idade escolar que, devido a falhas sistêmicas e contextuais, ainda não haviam consolidado essa habilidade fundamental.

Conforme afirma LAVOR et al. (2024) a alfabetização vai além da simples habilidade de ler e escrever, pois envolve o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais essenciais para o aprendizado contínuo. Nesse sentido, a ausência de alfabetização na idade adequada compromete não apenas o desempenho escolar futuro, mas também contribui para o aumento das desigualdades sociais e econômicas. Consequentemente, crianças que não recebem uma alfabetização adequada apresentam dificuldades para acompanhar o conteúdo das séries seguintes, o que pode gerar desinteresse pelos estudos, evasão escolar e questões como baixa autoestima, ansiedade e desmotivação (CABRAL et al. 2024; LAVOR et al. 2024). Além disso, essa deficiência educacional está frequentemente associada a situações de vulnerabilidade social, reforçando, assim, ciclos de pobreza e exclusão (Pertuzatti; Dickmann, 2019 apud LAVOR et al. 2024).

Por fim, a inclusão de diferentes redes de ensino e perfis socioeconômicos amplia a relevância dos achados, permitindo refletir sobre os fatores que favorecem ou dificultam o fortalecimento da resiliência. Entretanto, a restrição geográfica a Pelotas e o critério de alfabetização configuram limitações do estudo, a serem consideradas em análises futuras.

4. CONCLUSÕES

Os resultados parciais indicam que a aplicação da RS-10 em crianças e adolescentes de Pelotas/RS é viável, mostrando-se adequada para investigar a resiliência, a ser confirmada nas análises estatísticas. A inclusão de escolas das redes pública e privada, aliada à diversidade étnica e socioeconômica dos participantes, confere representatividade à amostra e reforça a relevância do estudo. Embora os dados ainda estejam em fase de processamento para posterior análise, destaca-se a importância do uso de instrumentos validados para a compreensão dos fatores relacionados ao desenvolvimento emocional e psicossocial na infância e adolescência, subsidiando futuras ações de intervenção e promoção da saúde mental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, P. P. A.; PIRES, L. S. L.; ISOBE, R. M. R.; REZENDE, V. M.; COSTA, A. A. dos S. Impactos da pandemia na alfabetização. *Cadernos da FUCAMP*, v. 35, n. 1, p. xx–xx, 2024.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GREGOIRE, J. ITC guidelines for translating and adapting tests. *International Journal of Testing*, v. 18, n. 2, p. 101–134, 2018.
- HAIR, J. F. et al. *A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM)*. Thousand Oaks: Sage, 2013.
- LAVOR, R. da S.; OLIVEIRA, D. B. A.; ALVES, F. I. B. M.; BRINGEL, M. F. A. Impactos da falta de alfabetização na idade adequada: desafios e estratégias para a educação infantil. *ID on line. Revista de Psicologia*, v. 18, n. 74, p. 188–202, 2024.
- MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, K. S.; NAKANO, T. C.; PEIXOTO, E. M. Marcadores de Resiliência Infantil: evidências de validade para estrutura interna e precisão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, p. 1–15, 2021.
- RYFF, C. D.; SINGER, B. H. Flourishing under fire: resilience as a prototype of challenged thriving. In: KEYES, C. L. M.; HAIDT, J. (Ed.). *Flourishing: positive psychology and the life well-lived*. Washington, DC: American Psychological Association, 2003. p. 15–36.
- VALENTINI, F.; DAMÁSIO, B. F. Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, p. xx–xx, 2016.
- WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, v. 1, n. 2, p. 165–178, 1993.
- WAGNILD, G. A review of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, v. 17, n. 2, p. 105–113, 2009.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *World mental health report: transforming mental health for all*. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 25 ago. 2025.